

09 FEV 1998  
**Quatro mil  
cirurgias  
no mutirão  
da saúde**

O Hospital de Base dá início hoje a um mutirão de cirurgias que pretende acabar com uma extensa fila de espera. Serão quatro operações extras, além das oito ou dez normalmente realizadas pelos cirurgiões do hospital. Pela manhã, serão duas amputações de membros. Além do Hospital de Base, também o Hospital de Taguatinga faz parte do quadro do mutirão e planejou suas cirurgias para as noites e os sábados. O número de cirurgias extras vai variar de acordo com a disponibilidade das equipes.

A secretária de Saúde, Maria José Maninha, fala em realizar uma média de 300 operações por semana. Os hospitais querem regularizar o fluxo em oito ou dez semanas (com 4.200 pacientes na fila de espera e uma média de 300 operações por semana, seriam necessárias 14 semanas para o fim do mutirão).

Os dois hospitais fazem parte da "banda A" do mutirão, ou seja, realizam operações em pacientes já internados, que hoje somam cerca de 160. "As equipes médicas trabalharão fora do horário normal e recebem hora extra por isso", diz a secretária Maninha, que mostra em entrevista coletiva na manhã de hoje, no Hospital de Base, o mapa completo das operações que serão realizadas.

Na "banda B" estão pacientes cujas doenças "podem esperar, ainda que não muito". Problemas de vesícula, por exemplo, ou operações nos rins, estão nesta categoria e mais dois hospitais estarão realizando as operações: o Hospital do Gama e o de Sobradinho. Numa etapa posterior, também os hospitais de Ceilândia e o Materno Infantil entram no mutirão. "Os hospitais de Planaltina e Brazlândia são pequenos e não têm condições de entrar no mutirão", esclareceu a secretária de Saúde.

O número inicial de pacientes que esperavam cirurgia era de 3.850, mas no momento de fechar os mapas a equipe que organiza o mutirão verificou que o número é maior e hoje durante a entrevista deve ser anunciado algo em torno de 4.200 pacientes.

O critério para estar na lista foi ter sido cadastrado na rede hospitalar até o dia 2 de fevereiro. "São pacientes que já estávamos acompanhando há algum tempo", disse a secretária Maninha. Pacientes internados têm prioridade. O critério das operações estabelece que na seqüência estão os que necessitam de cirurgia, mas podem esperar, e, por fim, os que residem no Distrito Federal.

São quatro equipes médicas no Hospital de Base e duas no Hospital de Taguatinga. Cada equipe tem um médico cirurgião, dois médicos auxiliares, uma enfermeira circulante, um auxiliar de enfermagem e uma auxiliar-administrativa.

"Temos um problema crônico com anestesistas, porque são poucos", diz a secretária de Saúde. Ela conta que enfrentou uma longa negociação com os médicos para o mutirão. Agora estão todos convencidos a participar.